

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

MIMÁ

SOB a tutela do catequista, ei-las pois a caminho, muito altivas, está-se a ver, sem a preocupação de bagagens, ligeiras como gazelas. Apertaram corajosamente o passo e Cipriano não terá que se arrepender da presença incómoda das garôtas de nove a dez anos. Ao cair da noite, o caminho que se tinha projectado fazer é transposto. Um prato bem cheio de mandioca regado com óleo de palma é a sua refeição, e depois, ao lado uma da outra, as duas negrinhas dormem a sono sôlto até ao despertar matinal do dia seguinte.

Sem uma hora de atraso, na ante-véspera do Natal, Cipria-

no e as suas duas alunas chegavam à Missão.

Mas em Boundji, que havia de fazer daquelas crianças? Tinha muito em que se ocupar para que pudesse dispensar-lhes os seus cuidados.

O catequista havia já pensado nisso.

«Estão lá as *Mamelo*, disse para si. Junto delas ficarão muito bem e não terei mais preocupações.»

Depois duma primeira visita à Igreja e antes mesmo de ir cumprimentar «o meu Padre» Cipriano apresenta-se no convento, pede à *Mamelo Superiora* para receber as suas duas pensionistas





por oito dias. A igreja, as casas maiores e mais belas que as cabanas da aldeia, o enorme casarão para onde as mandam entrar, depois as estrangeiras de bonita pele branca como o seu vestuário, as numerosas pretinhas, tantas ou mais do que tôdas as da aldeia, cobertas com lindas e verdadeiras tangas, quando elas ostentam um diminuto bocado de pano que faz uma triste figura na sua presença..., tudo isso assusta. Ipyelê encosta-se à companheira escondendo o rosto nas mãos. Mimá pelo contrário, não lhe chegam os dois olhitos para ver e inspeccionar tudo muito bem; olha à direita, à esquerda, corre de repente à procura dessa linda voz, harmoniosa, que parece descer do céu. Um sino e um campanário fazem parte das múltiplas coisas com as quais precisa de travar conhecimento.

«É tu, como te chamas?»



É a Madre Superiora que depois de inúteis perguntas feitas a Ipyelê cada vez mais assustada, se volta para o número dois que parece ser mais tratável.

«Eu?... Sou Mimá.»

É uma catadu-

pa de sílabas precipitadas de que apenas se consegue compreender as duas últimas: *Mimá.*»

«Como?

...Mimá!

Repete duas, três, quatro vezes..., mas em vão! Só há de inteligível Mi-má. Afinal isso é quanto basta. E foi assim que lhe ficou o nome de Mimá.

«Então, Mimá, fizeste uma grande viagem? Estás contente por vir à Missão?»

Recebe por resposta um olhar cheio de fulgor, um largo sorriso, e uma mãozinha negra que se estende, muito franca em sinal de amizade.

As duas hóspedes de passagem são conduzidas ao internato onde tôda a pequenada as acolhe com uma alegre sarabanda. Entre os negros como entre os brancos, quando se tem dez anos, trava-se de pressa conhecimento.

Mas é preciso an-



tes de mais nada completar o vestuário que está muito reduzido para um país civilizado, como Boundji. Mimá e Ipyelê não acreditam no que vêem! São para elas essas tangas? Nunca tiveram festa igual!

Ipyelê está quase meia conquistada.

Da tanga, as nossas selvagenzinhas irão de surpresa em surpresa, de êxtase em êxtase. É o internato com as suas salas de aula, o seu dormitório, o refeitório. A capela com as suas imagens... depois, dois dias mais tarde, a igreja em festa, a Missa



da meia-noite, o Menino Jesus no presépio, o Padre no altar, os cânticos acompanhados pelo harmônio, tudo isso e muitas outras coisas mais, são maravilhas para as duas pobres negrinhas que conhecem somente a mata selvagem, a choça primitiva e as danças nocturnas.

Seguida de Ipyelê ou então mesmo sôzinha, quando a curiosidade se apodera dela, Mimá não cessa de fazer descobertas.

Uma manhã, um ruído insólito chama a sua atenção. Esse tic-tic-tic-tic rápido, regular, o que poderá ser? E donde será que êle vem? Mimá começa a dar volta à casa.

Será daquela janela? Sim, é mesmo de lá... Mas a janela é alta, muito alta para que possa escalá-la. É preciso procurar por outro lado, voltar à direita, depois ainda à direita. Tendo chegado debaixo da varanda, Mimá ouve de novo o tic-tic-tic-tic..., porém já mais forte. Seria preciso passar por aquela porta e *Mamelo* disse que aquela porta nunca se podia transpor, que era a casa onde viviam só as *Mamelos*.

Então são as *Mamelos* que fazem esse tic-tic-tic-tic-tic-tic... Pois tanto mais interessante! Mimá inclina a cabeça para ouvir melhor. Não há ninguém no corredor... ao fundo está uma porta aberta... é seguramente dali que vem o estranho ruído.

Mimá dá um passo... a seguir outro...; com os seus pézinhos descalços não a podem ouvir... e depois, tudo está deserto!

Ei-la finalmente à porta, ao fundo do corredor.

Com efeito uma *Mamelo* está lá, inclinada sobre uma espécie de mesa onde um pano bran-



co desliza só, enquanto uma estranha máquina preta faz tic-tic-tic...

Mimá observa, aproxima-se pouco a pouco, mais ainda, até que o seu ombro esbelto acusa a sua presença.

«Mimá, que fazes tu aqui? Não sabes que é proibido...»

— Eu quero ver o tic-tic-tic.»

A pequenina curiosa é reconduzida ao bom caminho sem receber naquele dia a primeira lição de... máquina de costura.



Os oito dias decorreram velozmente, com grande satisfação de Mimá sobretudo. Ontem, o catequista Cipriano veio di-

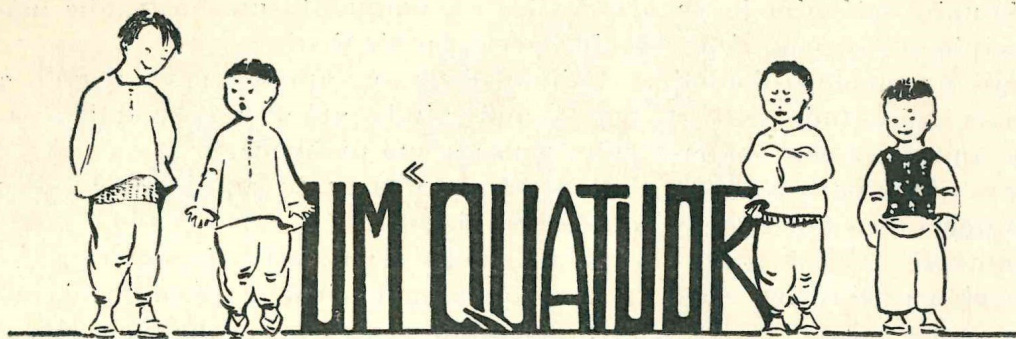


zer-nos que a sua permanência em Boundji estava terminada e que contava regressar à aldeia no dia seguinte pela manhã. Agradecendo muito reconhecido às *Mamelos*, pede para que lhe tenham as duas pequenas já preparadas a fim de que possa pôr-se a caminho muito cedo.

Depois do despêrto, Mimá e Ipyelê acabam de fazer as suas bagagens, porque desta vez têm bagagem: um bocado de pano quadrado encerra todos os tesouros recebidos durante aqueles dias passados no convento.

Cipriano chega. Chamam-nas, mas só responde Ipyelê.

— E Mimá? (Continua.)



SÃO quatro. Todos órfãozinhos da Mis-
são de King-chow-fu, quatro insepará-
veis. Dois, recolhidos num dia frio de
inverno, há já alguns anos, têm o mesmo
nome — António.

Desde o principio foram apelidados «An-
tónio o Grande» e «António o Pequeno.»
António o Grande foi conduzido ao convento
com os pés entorpecidos. O
mal era grave e a-pesar-dos
maiores cuidados, os dedos
caíram-lhe uns após outros.
Pobre criança!

Isso nada tira ao seu porte
gentil nem impede que corra
atrás dos cabritos, quási
mesmo como êles. O seu
único sonho a realizar no fu-
turo — não tem ambições — é ser um dia,
quando fôr já homem, o *ta-sse-fu*, primeiro
criado das religiosas. António o Pequeno
parece ser chamado a mais altos destinos;
a não surgir qualquer caso imprevisto, em
breve tomará o caminho do seminário.

Quanto a Pedro e a José, dois irmãos,
dois pequenos tártaros, apenas se encon-
tram no orfanato há alguns meses e foram
baptizados na Páscoa.

Pedro, a principio, nem sempre
era bom. Aproveitava-se do seu di-
reito de primogenitura para mandar
como um verdadeiro chefe e a si
próprio se designava o *Lao-sse* (Eu,
o velho senhor.)

Um dia batem à porta da Madre

recente e violenta briga. Ambos gritam ao
mesmo tempo.

António o Pequeno: «Foi êle que co-
meçou!»

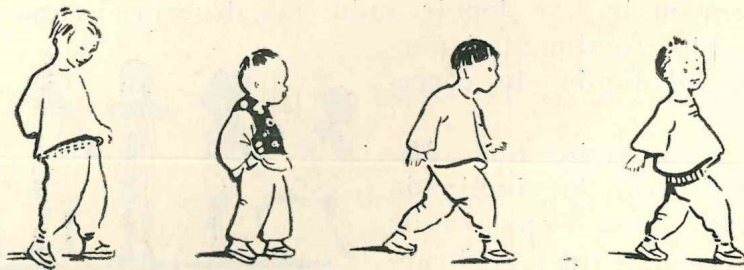
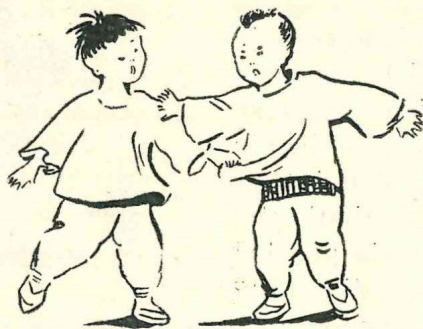
Pedro: «Eram todos contra mim!»

António, com o dedo indicador na testa:
«Vejam, espetou-me as unhas com tal força
que o sangue corre.»

Pedro: «Tu só tens uma,
e eu, olha, a minha cara está
cheia das arranhadelas de
todos!»

É preciso fazer-lhes um
comprido discurso, prègar-
lhes mesmo um sermão e
como, em suma, os dois be-
ligerantes não são maus, sem
custo se chega a uma com-
pleta reconciliação. Passados alguns minu-
tos, ei-los de novo «os quatro inseparáveis»
e lá vão sendo os melhores amigos do
mundo.

Duas ou três horas mais tarde, uma
nova disputa os leva ao seu tribunal de pri-
meira instância em que a Madre Superiora
tem sempre o grande papel de árbitro. Mas
tudo isto era no principio, porque hoje re-

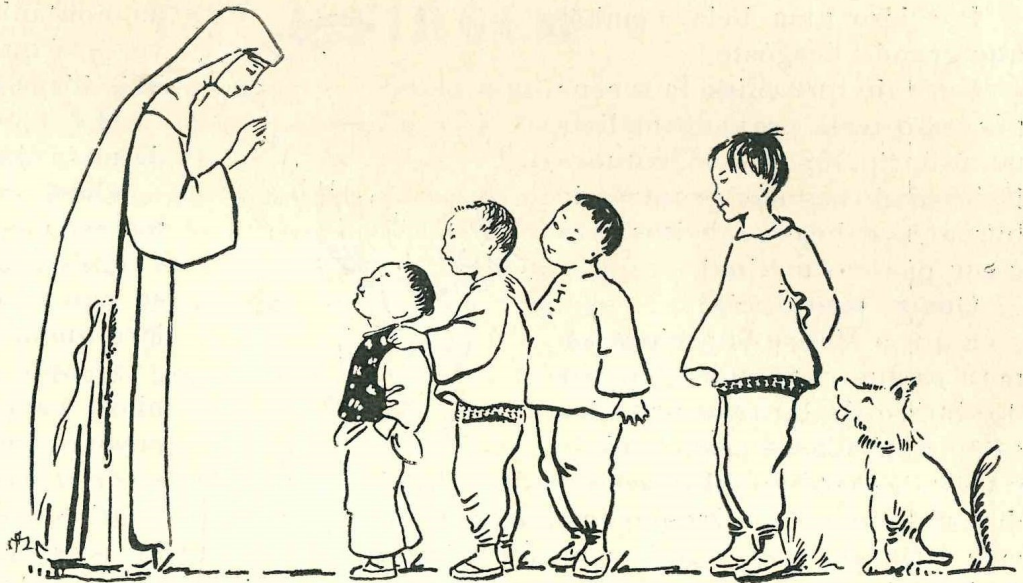


conhece-se um verdadeiro progresso; as discussões não são mesmo quotidianas. É que Pedro, o grande senhor do bando, o mais belicoso, começa a aprender o seu catecismo e convenceu-se muito a sério de que para se tornar cristão é preciso vencer os seus defeitos, a começar pelo defeito capital; portanto para si, guerra ao seu carácter rixoso.

Favorecendo a graça os seus esforços, em breve será a paz sem uma nuvem.

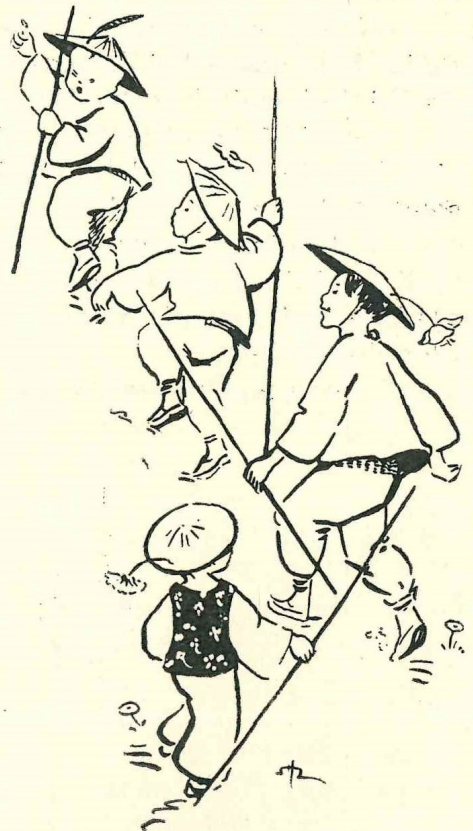
Quanto a José tem somente sete anos. É um bonacheirão, sempre de acordo com toda a gente, o que facilita muito as coisas. Uma manhã, a Madre Superiora chama o pequeno «Quá-tuor». Tem para a época das férias uma tarefa importantíssima a confiar-lhes. Qual é? Vão ser os cabreiros do convento.

Os cabreiros do convento! Pensai um pouco! Guardar oito grandes cabras e dez cabritinhos aos quais se vêm juntar três pacíficas vacas e dois vitelinhos, não é assim tão pouca coisa! As cabras são conhecidas pelo seu humor caprichoso e vagabundo, as suas corridas por montes e por vales, a sua preferência pelas rochas



cabras do vizinho, «porque, dizia êle, são ruins de vigiar e podem fazer estragos nos campos.»

Os nossos quatro amigos, cuja santidade não se pretende medir com a de S. Pascoal Bailão, não têm êsses escrúpulos. Desempenham o seu cargo o melhor possível, deve confessar-se, mas para êles, dar cabriolas com as cabras, e como elas, é o que de mais feliz podem encontrar nessa nova vida. E não pensam sequer noutra coisa.



Por isso uma bela manhã, que grande desgosto!

Um raio que caísse aos seus pés, não teria cravado melhor no próprio lugar o «Quatuor» já de cajado na mão, pronto a ir buscar as cabras e cabritos para o seu passeio matinal.

Que se passa pois?

É que a Madre Superiora espera os quatro pequenos ao sair do almoço, declara que as férias estão acabadas e que António o Grande, António o Pequeno, Pedro e José, devem tomar o seu lugar nos bancos da escola. Os seus rostozinhos ficam tristes, muito tristes. Perante tal acontecimento até o próprio José, sempre de acôrdo com tudo, não é da opinião da Madre Superiora.

Ir à escola? Ora, ora!... Mas de repente fulge uma idea:

Siéou-tao, quem vai então guardar o rebanho?

— Não vos preocupeis com isso. Sei muito bem quem hei-de mandar. O velho *Ta-Yié* do hospital vai tomar conta dêle.

— *Ta-Yié*? O velho *Ta-Yié*? Mas, *Siéou-tao*, êle não é capaz de dar dois passos de-sencostado do seu bordão.

— E depois, anda assim...»

E António o Pequeno, com uma mimica perfeita, imita exactamente o passo trémulo do pobre velho.

«E como poderá correr atrás das cabras



na montanha?» objecta por sua vez José que decididamente tem hoje ideas muito pessoais.

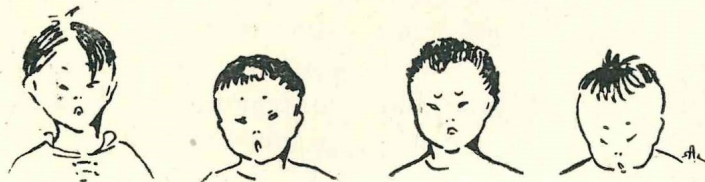
O defensor é eloquente mas de nada lhe serve.

«Esta manhã mesmo *Ta-Yié* tomará posse do seu cargo. Se é capaz de o fazer, tanto melhor, se não é, depressa se arranjará quem o substitua.

Quanto a vós, meus amiguinhos, está resolvido que hoje mesmo começarão a ir à es-

cola.» Desta vez o caso é sério. É inutil qualquer tentativa; é obedecer prontamente e nada mais. Qual foi a impressão do primeiro dia e da primeira semana? Não sei. O que é certo é que o nosso «quatuor» parece não se sentir infeliz por ter travado conhecimento com as letras. Pelo contrário, todos porfiam em obter as melhores notas, e êste seu desejo valeu-lhes uma grande recompensa.

Agora, à tardinha, ao sair da aula, correm para a montanha e vão ter com *Ta-Yié* a quem as suas funções de cabreiro parecem ter restituído as pernas dos vinte anos e que se tornou o seu grande amigo. Juntos dirigem-se para o convento. Contam-lhe tudo o que aprenderam, brincam com os cabritinhos, e como é bonito ver êste bom velho, ajudado pelo pequeno «quatuor» conduzindo lentamente o rebanho ao aprisco!



FOI A VIRGEM

Manhã de Dezembro, fria, muito fria! Os montes do Anti-Líbano estão completamente cobertos de neve. Ao regressar da Missa — porque lhes é necessário ir tôdas as manhãs à igreja parochial — as duas missionárias só alcançam com a vista a imensa toalha branca que se estende ao longe.

Há no entanto um recado urgente para enviar a Damasco...

O motorista que faz o serviço habitual declarou que não descia...

“Arriscar-se ao caminho com semelhante tempo! Na primeira curva o automóvel voltar-se-ia com certeza!”, Mas um outro motorista, um cismático, está resolvido a seguir mesmo assim. Mostra no entanto pouco empenho em encarregar-se da mensagem das Irmãs. Aumentar ainda o seu serviço!...

Finalmente sempre se resolve a aceitar a incumbência.

Quando as religiosas vão a dobrar a esquina da pequena rua, pergunta-lhes: “Minhas Irmãs, ninguém veio chamar-vos esta noite?...”

— Esta noite?... Não, ninguém nos veio chamar!

— Ah! Todavia pensavam em ir-vos buscar.

— Porquê? Para quem? Há porventura algum doente aqui ou nos arredores?

— Então não sabeis? É o pequenito da Mansoura. Ide depressa vê-lo, porque na verdade está muito mal, quasi moribundo.

— Porque não vieram procurar-nos logo que adoeceu?...

As missionárias pedem que lhes indique a direcção a seguir e partem imediatamente. O caminho corta pelo flanco mesmo da montanha e a casa em que estão encon-

tra-se muito mais abaixo do que Sednaya. Para lá chegarem é preciso descer quasi a pique. Não há caminho, nem degraus quer de pedra quer de madeira; apenas uma escada de mão e é tudo... e por uma ventania medonha!...

Enfim chega-se à pequenina casa formada unicamente dum compartimento muito pobrezinho.

A família, consternada, rodeia um rapazinho deitado no chão envolvido num cobertor esfarrapado. Tem nove anos talvez, e desde a véspera que os pais se encontram muito inquietos.

As missionárias inclinam-se, examinam-no.

— Será preciso levá-lo a Damasco? aventurou o pai. Por êste frio, com êste temporal e uns meios tão primitivos de comunicação seria mais prejudicial que útil, sobretudo agora que a febre é tão alta!

E cada um trata de dar a sua opinião.

— Não vo-lo oculto, diz a Irmã enfermeira, o pequeno está muito, muito doente; se quizerdes levá-lo a Damasco isso é convosco, mas eu não vo-lo aconselho. Tenho um medicamento muito bom e amanhã poderemos experimentá-lo; se o pequeno não melhorar então ide consultar o médico.

O pai pede conselho à mãe, depois ao avô e em seguida à avó. Todos estão de acôrdo: é melhor não obrigar a criança a uma tal viagem e tratá-la em Sednaya.

Uma vizinha acompanha as Irmãs até ao dispensário para trazer o remédio.

A enfermeira dá-lhe duas hóstias de quinine, uma para tomar de manhã e outra à noite, e uma pequena quantidade de glicerina iodada para pincelar a garganta e



sobretudo um frasquinho, recomendando-lhe muito que lhe dêem uma colher de hora em hora.

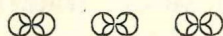
Ora o frasquinho continha água de Lourdes... À tardinha, ao sair da igreja onde foram preparar o altar para a festa do dia seguinte, as Irmãs vão ver o seu doentinho. São acolhidas desta vez com semblantes inundados de alegria.

O pequeno está muito melhor... Vejam, está sossegado e já não tem febre. Esta manhã estava tão mal que nem quise-mos dar-lhe a hóstia nem pincelar-lhe a garganta. Mas o remédio da garrafinha,

êsse sim, tomou-o regularmente de hora em hora...

Com efeito o rapazinho está não somente muito, muito melhor, mas no dia seguinte a cura é completa e no terceiro dia vem muito alegre ao dispensário agradecer às religiosas.

A família, trasbordando de contentamento, não sabe como exprimir a sua gratidão, mas as missionárias sabem muito bem a quem devem agradecer. A Virgem Santíssima é mais poderosa que todos os médicos!...



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS

Reverenda Madre:

Estou muito contente com a Tribuna e felicito-a porque vai muito bem. Eu escrevo porque quero um afilhado não baptizado ainda. Minha irmã mais velha, Maria Helena, será a madrinha e eu o padrinho e dar-lhe-ei o meu nome. Tenho muitos brinquedos velhos que lhe vou mandar para distribuir por quem quizer; visto que também aproveita os selos velhos, vou juntá-los daqui em diante. Durante as férias da Páscoa, a Maria Teresa fará dos seus fatos já usados, com a ajuda da Mamã, porque ela não sabe muito bem, vestidinhos para os pequeninos selvagens não andarem nus.

Eu penso em ser aviador o que será muito cómodo para ir ver o meu afilhado e transportar também as missionárias, caso precisem. Entretanto, Reverenda Madre, não esqueça o pedido do

Carlos Maria.

Reverenda Madre:

Lemos todos os meses com grande interêsse a "Tribuna das Crianças". Gostamos imenso e agora queremos um afilhado ao qual daremos o nome de Joãozinho. Reünimo-nos tôdas e com as nossas pequeninas economias conseguimos juntar 10/00 para as despesas do seu baptizado.

Como somos pobrezinhas não podemos dar tudo aquilo que desejaríamos, mas creia, Reverenda Madre, nas nossas orações e sacrifícios para que os pequeninos pagãos encontrem muitos protectores entre os amiguinhos da Tribuna. Então ficaremos muito satisfeitas e será a recompensa da nossa grande pena.

Esperamos que não deixará de nos dar o nosso afilhadinho e se fôr possível também desejamos a sua fotografia.

As orfãs do Recolhimento Menino Deus de Barcelos.

D. Beatriz Pintassilgo para uma afilhada com o nome de Maria Beatriz, 20\$00.

Enviai as vossas cartas à direcção dos Anais das Franciscanas Missionárias de Maria

Menino Deus — Barcelos.

Imprimatur.

Bracaræ, 12 Aprilis 1938.

† A., Arch. Bracaræ.